

# **MINHA CARNE**

## **DIÁRIO DE UMA PRISÃO**

F443m

Ferreira, Preta

Minha carne [recurso eletrônico] : diário de uma prisão /  
Preta Ferreira. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2020.  
recurso digital

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital edition

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5717-021-2 (recurso eletrônico)

1. Ferreira, Preta - Diários. 2. Prisioneiras - Biografia -  
Brasil. 3. Socialismo. 4. Movimentos sociais - São Paulo (SP).  
5. Direito à moradia - Brasil. 6. Livros eletrônicos. I. Título.

20-66558

CDD: 920.93656

CDU: 929-058.5

---

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

É vedada a reprodução de qualquer parte deste livro sem a expressa autorização  
da editora.

1ª edição: dezembro de 2020

BOITEMPO

Jinkings Editores Associados Ltda.

Rua Pereira Leite, 373

05442-000 São Paulo SP

Tel.: (11) 3875-7250 / 3875-7285

[editor@boitempoeditorial.com.br](mailto:editor@boitempoeditorial.com.br)

[www.boitempoeditorial.com.br](http://www.boitempoeditorial.com.br)

[www.blogdaboitempo.com.br](http://www.blogdaboitempo.com.br)

[www.facebook.com/boitempo](https://www.facebook.com/boitempo)

Agradeço a Deus, que sei que existe em diversas formas. Deus não é a figura do homem branco que dizem por aí, Deus são formas de manifestar energia do bem, Deus é amor. Todas as religiões levam a Deus, cada indivíduo escolhe seu caminho de espiritualidade.

Agradeço a minha mãe Oxum, que não me fez perder a doçura e a ternura em minha profunda arte e em minha intimidade, embora consumida pela luta desde muito jovem.

Agradeço a São João Batista, que nasceu no dia 24 de junho, mesma data de minha prisão injusta. Por coincidência, São João também foi preso e decapitado “por ter uma grande influência sobre o povo”. Mas não me comparo a ele, jamais.

Agradeço a meu pai Ogum, que me deu forças para entrar e sair de cabeça erguida dessa batalha; foi com ele que aprendi a nunca abandonar minha causa, meu povo, ele me munuiu da ousadia para abrir caminhos desconhecidos, mas muito produtivos, como minha atuação na militância do Movimento Sem-Teto do Centro (MSTC) e de outras causas ligadas a injustiça social, arte, cultura, educação e racismo. Eu não sabia que era sua filha até ser questionada sobre minha paternidade ancestral pela pessoa branca que me prendeu.

Agradeço a Jesus Cristo, que foi o primeiro revolucionário em forma de gente. Não posso negar sua existência. Jesus ousou desafiar e foi contra diversas leis instituídas pelos líderes religiosos que oprimiam o povo, ele não aceitou ser

aliado da corrupção e da ganância que praticavam, denunciou e lutou contra a hipocrisia dos que se diziam santos, mas tinham as atitudes mais perversas, diferente dos ensinamentos das escrituras sagradas. Jesus me ensinou sobre partilhar e lutar contra a injustiça que acontece com pobres e oprimidos. Certamente sua bondade e sua misericórdia me cercam.

Ao Espírito Santo, que me permite movimentar as melhores energias aos oprimidos por meio de minha arte e minha militância. O Espírito Santo me faz expressar sua existência me permitindo não perder o amor ao próximo, ele habita em meu coração. Gratidão profunda.

A Xangô peço misericórdia, com ele aprendi que sua justiça é realmente justa. Misericórdia Xangô. Ao pedir justiça para Xangô, tenho que estar preparada para recebê-la! Para pedir justiça ao orixá e Senhor da Justiça, Xangô, a pessoa tem que, no mínimo, ser justa e praticar no dia a dia os Dez Mandamentos. Eu sou humana, passiva de erros, falha, como todos, mas carrego a certeza de minha honestidade.

Agradeço principalmente ao ancestrais que me fizeram enxergar que Pretinha, aquela menina curiosa que lia escondido dos pais, caminha de mãos dadas com Preta Janice, líder de movimento de moradia, cantora, atriz, publicitária e produtora cultural, na mesma estrada, multiplicando liberdades para outros corpos pretos. Agradeço a proteção e o zelo para comigo e com os meus.

Agradeço a Deus, minha mãe Oxum, meu pai Ogum, Xangô, São João, Jesus Cristo, Espírito Santo e aos ancestrais a proteção e o zelo para comigo e com os meus.

Dedico este livro a meus heróis e minhas heroínas.

A toda população indígena e preta, a todas as mulheres, a todas as pessoas que cruzaram meu caminho durante esse período árduo e a todos os sem-teto do país. Foi por nós que acatei e entendi meu destino.

Não citarei aqui os nomes que fizeram parte dessa caminhada, porque considero que todas as pessoas que lutam pela liberdade de todas as pretas e de todos os pretos no mundo lutaram pela minha também – e digo isso porque hoje, exatamente neste momento, existem pessoas presas, além de seus familiares, e os que lutam pela liberdade dessas pessoas. Não citarei nomes por isso, porque estão cravados em minha alma todos os nomes que vi, que abracei e agradei e também aqueles que nunca vi, mas sei que acreditam na minha verdade e na verdade das presas que ainda não foram julgadas, dos presos que nasceram presos por causa de sua cor da pele, seu gênero ou sua religião.

Dedico este livro, com todo amor, carinho e devoção, a minha família tão amada, família Ferreira. A minhas irmãs, heroínas, que se sacrificaram para me salvar. A minha mãe, que, além da vida, me deu o exemplo e a consciência de saber que, neste mundo, pessoas como nós não são felizes sem lutar pela terra prometida. Terra que escrevem nos livros religiosos e na Constituição.

A minhas amigas/irmãs, os verdadeiros amores da minha vida, e que, na voz de uma estrela, sempre nos lembram: “Nos temos”.

A todes que ecoaram o grito de liberdades pretas. Liberdade para todas as pessoas pretas.

A todes que mudaram sua rotina, sua história, para defender a mim e minha família, nessa guerra contra gigantes da opressão. Sem vocês, não estaríamos aqui hoje.

A todas as mulheres que lá estavam comigo, as que saíram, as que ficaram. Eu não me esqueci de nenhuma, nem poderia, estão marcadas em minh'alma para sempre. A todas as famílias de pessoas pretas presas.

A todos os movimentos populares que lutaram por minha liberdade, em especial o meu, Movimento Sem-Teto do Centro, e pela de companheiros presos injustamente comigo. Aos poucos bons e honestos políticos que ainda sabem que minha luta é a nossa. Nossos defensores: dra. Amanda Cayres, dra. Allyne Andrade, dra. Luyse Reis, dr. Augusto de Arruda Botelho, dr. Fabricio Costa, dr. Beto Vasconcelos, dr. Pierpaolo Cruz Bottini, dr. Thiago Wander Silva, dr. Thiago Sousa Rocha, dr. Theo Dias, dr. Luiz Guilherme Rahal Pretti, dr. Vinicius Cascone, dr. Vitor Marques, dr. Pedro Martinez, dra. Vivian Mendes. Exercer o direito é também saber que “foi-se a chibata, implantou-se a lei, ambas sob a tutela das mesmas mãos...”. Obrigada por honrarem a toga.

Por fim, a meus deuses e minhas deusas e antepassados que não me deixaram só em nenhum instante e me guiaram sempre para a luz e a sanidade, mesmo com as lágrimas derramadas e a com dor da injustiça. Por isso, deixo a oração que me fortaleceu durante 108 dias e segue me fortalecendo nas prisões invisíveis que ainda me colocam: “Meu caminhar, quem me conduz, meus orixás é minha luz, meu caminhar, quem me conduz, meus ancestrais me guiará, peço clemência pra quem atrapalhar meu caminhar”.



# SUMÁRIO

*PREFÁCIO*

*POR JULIANA BORGES*

*RETRATO*

*DIÁRIO*

*O DIA EM QUE RENASCI*

*ANGELA DAVIS*

*RETOMADA*

*"VOZES VAZAM GRADES"*

*POR CONCEIÇÃO EVARISTO*





---

# PREFÁCIO

## UM LIVRO SOBRE O BRASIL

Quando iniciei a leitura do livro de Preta Ferreira, me deixei conduzir pela narrativa envolvente. A leitura fluiu incessante. Como dizemos entre leitores ávidos: em uma sentada. Senti como se a autora me pegasse pelas mãos, com um olhar arguto, e me levasse para cada parte de sua história vívida. De fato, apenas quem já passou por aquelas situações descritas consegue dimensionar o montante de dor que elas infligem. Mas o modo como Preta escreve faz com que, ao menos, seja inevitável construir empatia.

Minha relação com as mulheres Ferreira não é nova. Dona Carmen, mãe de Preta, é uma das figuras mais importantes em minha trajetória e formação como ativista política. Com ela, aprendi a não me contentar com o possível, a não me acomodar ao confortável se os desafios ainda estão colocados. Também com ela, junto a outras tantas mulheres lideranças populares da cidade, compreendi o deslocamento que senti durante muito tempo de ativismo feminista universitário. Apesar de ter sido importantíssimo para meu fortalecimento conceitual, sempre me sentia sobrando naquele espaço em que mulheres

falavam de conceitos franceses e abstratos. Como articular esse espaço à dimensão em que fui forjada, na periferia paulistana, por mulheres que muitas vezes sequer sabem o que é feminismo, mas o praticam cotidianamente, se impondo como lideranças políticas em contextos e lutas por outros modelos de fazer política e de pensar e agir no mundo? Pelas mulheres Ferreira – vejam vocês, o mesmo sobrenome de minha família paterna – foi que aprendi o feminismo negro e popular exercido na prática, em que conceitos se vertem em reais, quando é a prática que molda e constitui o discurso. E, assim, Preta Ferreira entrou em minha vida.

Nos relatos de Preta observamos um retrato complexo sobre o sistema prisional e a política criminal brasileira, em que grupos sociorraciais são selecionados para ter suas condutas, culturas e existências criminalizadas. A noção do crime e do criminoso são construções políticas, que se modulam conforme interesses de grupos e políticas dominantes que escolhem a violência como gramática para a imposição do exercício de poder pelo Estado, que será um mantenedor de privilégios e desigualdades, quando deveria ser um garantidor de direitos.

“O racismo virou câncer no Brasil”, afirmativa de Preta Ferreira em poema, é uma síntese em direto diálogo com a expressão de outra intelectual negra brasileira, Beatriz Nascimento, que, por sua vez, apresenta o racismo como um “emaranhado de sutilezas”. E, até mesmo, com a frase da intelectual negra portuguesa Grada Kilomba, “o racismo é uma realidade violenta”. O que essas mulheres negras intelectuais estão dizendo é como o racismo constitui um sistema complexo, intrínseco ao capitalismo e à modernidade,

moldando todas as relações intersubjetivas, até as instituições e as políticas de Estado. Muitas são as formas e as acomodações do racismo, adaptando-se a sociedades e interesses, sempre tendo na classificação e na hierarquia racial, na construção da ideia de “raça”, fator determinante para o exercício da violência e para a manutenção de desigualdades. Não se trata, portanto, de mera comparação, mas de uma frase-síntese que nos provoca e se coloca com amplo alcance para perceber que as respostas e as lutas realizadas contra essa estrutura demandam de nós visão complexa e ação estratégica.

Não foi fácil passear pelas palavras deste livro, que, certamente, nos deixa marcas indeléveis. As prisões são ferramentas de controle e extermínio, locais de torturas físicas e psicológicas, como vemos atestado nos relatos divididos por Preta Ferreira. A dinâmica carcerária e punitiva marca e transforma os que são submetidos a ela e os que dela são executores. A desumanização do outro passa por um processo de desumanização de si mesmo. Ou qual seria a função de agentes penitenciários e policiais buscarem “quebrar” Preta Ferreira e outras mulheres em situação prisional com provocações de todo tipo? O que faz um sistema ser tão corrompido a ponto de não se perceber reprodutor de uma política que tira de si mesmo a possibilidade da dignidade e da humanidade? Essas são algumas das questões que a leitura destes relatos de Preta Ferreira suscitam em que decide com ela caminhar no terreno da palavra.

Uma afirmativa que costumo fazer é de que nem todo acadêmico é intelectual. Há uma equivocada ideia de que

títulos acadêmicos sejam a comprovação da intelectualidade. Muitos acadêmicos são meros reprodutores e citadores de outros pensadores. O entendimento da figura intelectual passa pelo compromisso público com a crítica e o questionamento, com a inquietação diante do mundo e com a procura incessante por transformações e saídas diante de dilemas sociais, filosóficos, econômicos, culturais, psíquicos e políticos. Da escrita como lugar de refúgio, vemos no livro de Preta Ferreira a apresentação de uma intelectual brasileira, disposta a fazer perguntas a si mesma e ao mundo, de lançar inquietações e caminhos que só têm sentido de serem trilhados em coletivo.

Não leia as páginas a seguir achando que encontrará apenas um relato. As prisões e os sistemas punitivos são espelhos das sociedades. É possível dissecar problemas sociais, desmitificar senso comum e compreender funcionamento de engrenagens institucionais ao nos debruçarmos sobre a realidade das prisões no país. Neste sentido, o livro de Preta Ferreira é sobre o Brasil. Ao lê-lo, saiba que mergulhará em uma profunda reflexão sobre o país que somos e o tipo de país que devemos lutar para ser. Axé.

JULIANA BORGES é escritora e estuda política criminal. Consultora do Núcleo de Enfrentamento, Monitoramento e Memória de Combate à Violência da OAB-SP, conselheira da Iniciativa Negra por uma Nova Política sobre Drogas, feminista antipunitivista e antiproibicionista.



---

# RETRATO

Quando criança, eu via minha mãe lendo escondida do meu pai na madrugada, nas escadas do fundo de nossa velha casa de pau a pique. Ele não a deixava ler – naquele tempo, naquele contexto, ler um romance causava ciúmes. Meados dos anos 1980. Eu acordava escondido, bem no horário que eu sabia que ela estaria lendo e a observava devorar as páginas como se estivesse comendo algo bem suculento. Tinha cinco anos de idade, minha mãe me disse que eu aprendi a ler com essa idade.

Eu juntava todas as palavras e descobria o que significava, molhava de cuspe com meu pequeno dedinho a página que estava lendo, guardava no mesmo lugar em que ela tinha deixado. Ela nem imaginava que eu já sabia ler, pois não contei a ninguém; se meu pai descobrisse que eu estava lendo aquele livro e soubesse que era dela, nossa, não gosto nem de imaginar...

E estou contando essa história só para vocês entenderem minha ligação com a escrita e a leitura.

Nunca imaginei escrever um livro, porém sempre gostei de escrever; na escola, minhas matérias prediletas eram redação

e história. Sempre me destacava, meus cadernos eram cheios de histórias que eu criava – e agora entendi o porquê: eu precisava escrever minha própria narrativa.

## **MINHA TRAJETÓRIA**

Eu me chamo Janice Ferreira Silva, mas poucas pessoas me conhecem por meu nome de batismo. Sempre me apresentei como Preta, apelido que me foi dado por meu avô pai materno. Sou a terceira dos oito filhos de minha mãe, Carmen – mulher, negra, baiana, arrimo de família, como tantas outras neste país. Cheguei a São Paulo em 1999, com quinze anos de idade, ainda sonhando com um baile de debutante como aqueles de que havia participado na Bahia, das minhas amigas. Mal sabia eu que meu baile era outro: era o baile da sobrevivência.

Quando cheguei a São Paulo, fui morar na hoje chamada Ocupação 9 de Julho, mas na época eu nem sabia o que significava “ocupação”. Foi o único lugar em que minha mãe conseguiu uma moradia digna para viver com os filhos. Ela fugiu do meu pai quando vivíamos na Bahia, pois sofria muita violência doméstica e tinha medo de ser assassinada pelas mãos dele. Sua única chance foi fugir abandonando os filhos para tentar uma nova vida, para sobreviver. Quando isso aconteceu, eu tinha dez anos de idade; com doze, comecei a trabalhar – informalmente, lógico. Após cinco anos, ela retornou a Salvador para nos buscar. Antes de conhecer a ocupação, ela dormiu na rua, em albergues, só muito tempo depois conheceu o movimento de moradia.



Minha mãe era funcionária de uma empresa de seguro de saúde desde 1998 – durante a semana, trabalhava como corretora, recebia o que vendia, e aos fins de semana trabalhava na feira. Ela ficou nessa empresa até 2017; quando saiu, foi para montar sua própria empresa.

Quando cheguei a São Paulo, achava que nunca estudaria em uma universidade. Aqui descobri o que era preconceito. Além de mulher preta, nordestina, eu era sem-teto. Parecia que minha existência era um crime; a meu pensar, só branco rico podia ter nível superior, era algo destinado a eles. Eu achava que eu tinha nascido para ser doméstica – pensei que trabalharia em uma casa de família rica, de gente branca, que me doaria o resto, teria vários filhos, assim como minha mãe, me casaria, levaria uma vida regrada, de casa para o trabalho, do trabalho para casa. Nem sabia o que era ativismo. Ainda não tinha ciência da existência do *Aurélio*, o dicionário.

Minha mãe sempre nos incentivou a estudar, nos colocava em diversos cursos – de informática, almoxarifado, bordado... Foi tanto curso que eu achava que já era doutora.

O movimento me ensinou sobre ter direitos, não só deveres, me ensinou que ninguém é melhor que ninguém, me ensinou que eu poderia ser uma mulher forte e revolucionária.

Eu me formei com muito custo: trabalhava em dois empregos, um durante o dia e outro à noite. De dia, em um escritório de advocacia, como secretária; à noite, após a aula, em uma pizzaria, como atendente. Foi assim, até que me formei em publicidade e propaganda/comunicação social.

Eu nem sabia que era capaz de mudar as vidas que mudei, mas de fato usei todo o meu conhecimento para ajudar as mulheres das ocupações. Comecei ajudando minha mãe, só para ficar perto dela; em alguns anos fazíamos uma festa surpresa de aniversário para ela, mas com uma foto, pois ela nunca chegava cedo em casa, estava sempre muito ocupada cuidando da sobrevivência alheia. Eis uma mulher que abriu mão da própria vida... Ela, por exemplo, quase não conseguiu chegar a tempo para o casamento de um dos filhos – diga-se de passagem, seu predileto... Toda mãe tem um predileto. Isso porque estava acampada em frente à Prefeitura de São Paulo, reivindicando a posse do Cambridge, moradia de 121 famílias prestes a ser despejadas.

Assim iniciei minha vida como liderança de movimento social: pela necessidade, pelo que me foi ofertado pelo sistema capitalista e egoísta. E sinto que tenho que retribuir ao mundo o que o Movimento Sem-Teto do Centro (MSTC) fez por mim. Foi esse o movimento que me empoderou, me ensinou que todos têm direito a moradia digna, saúde, educação e lazer.

E assim surge meu ativismo pelo direito à cidade e à equidade.

Essa história começa em 24 de junho de 2019, quando fui presa sem ter cometido crime algum. Num desdobramento injusto da investigação sobre o desabamento do Wilton Paes de Almeida, prédio no largo do Paissandu que então era ocupado pelo Movimento de Luta Social por Moradia (MLSM) – do qual não fiz parte –, e a partir de uma carta anônima, *fake news*, enviada via correio ao Departamento Estadual de

Investigações Criminais (Deic), o Ministério Público me denunciou, junto com mais dezoito pessoas de variados movimentos por moradia.

Eles sabiam que eu era inocente; segundo a polícia, eu só iria prestar um depoimento e seria libertada. No entanto, foi o depoimento mais longo da história: fiquei 108 dias presa e mais dois meses em casa, sem poder sair em fins de semana nem em feriados – durante a semana, eu podia sair das 6h às 18h. Se estivesse à noite na rua, retornaria à prisão. Era uma prisão domiciliar, que constava em um dos tantos parágrafos do acordo que o Ministério Público concedeu para eu sair da penitenciária e responder ao processo em liberdade, até o dia do meu julgamento, que, segundo meus advogados, ainda será daqui a três anos.



---

# DIÁRIO

Tenho uma ancestralidade forte, um alerta espiritual que me prepara, me protege. E, como o sensor de uma aranha, minha intuição não falha.

Uma semana antes de ser presa, passei todas as minhas senhas de acesso para uma amiga, informei onde estavam todas as minhas documentações, a senha dos meus cartões, e-mails, redes sociais etc. Eu disse a ela que seria presa, minha intuição me alertou quando passei de carro em frente a uma delegacia do Deic. Tive uma visão de tudo, só não sabia quando seria.

Nas páginas a seguir, faço um registro de tudo o que passei durante os dias em que estive presa injustamente.

A prisão não é um lugar fácil. Lá vivi dias terríveis, mas que me ensinaram algumas coisas. Aprendi e amadureci muito. Vi muita gente que se achava superior quebrar a cara.

Eu não desejo para ninguém uma vida em um lugar como aquele. Graças a Deus e a minha mãe, eu sempre soube me virar, desde cedo. Aprendi o que era humildade e a tratar gente como gente. Foi o que me salvou na prisão. Eu sempre

acreditei que ninguém é melhor que ninguém, e aqui essa contestação ficou ainda mais viva.

Qualquer pessoa está sujeita a parar atrás das grades: inocente ou culpada, na cadeia, sempre tem um lugar reservado. Na cela especial não tem distinção de cor. Muito pelo contrário. No local onde fiquei, o índice menor é o de mulheres negras. Aqui não existe classe social. Todas têm um número de matrícula e são igualmente chamadas de “reeducandas”.

Dia 24 de junho de 2019. Desde essa data, muitas narrativas entraram em minha vida, meu caminho se cruzou com o de outras pessoas, inocentes como eu. Desde esse dia, acredito menos ainda na “justiça” brasileira e passei a crer cegamente na maldade do homem e na inveja.

São histórias ouvidas, de pessoas que existem.

**23 DE JUNHO DE 2019, UM DIA ANTES**

Marquei de encontrar Monica Benicio em um barzinho para assistirmos ao jogo da seleção brasileira de futebol feminino; ela estava chegando a São Paulo para participar da Parada do Orgulho LGBTQIA+.

Caímos no samba a noite toda, eu estava bem cansada, já vinha virada da noite anterior, aniversário do Suplicy na ocupação, onde fiquei com uns amigos bebendo. Estava de ressaca.

Ligamos para Lua Leça, que estava em Nova York, sem nenhum assunto sério, para jogar conversa fora. Mas lembro suas palavras. Preocupada, me disse:

— Irmã, vai pra casa, se cuida. Quando chegar, me avisa.

Cheguei em casa às 3h da manhã. Monica me deixou na porta, e eu ainda pensei duas vezes, até falei algo como “acho que vou ficar contigo esperando o voo chegar”. Desisti e entrei. Se eu soubesse... Esta foi minha última noite.

24 DE JUNHO DE 2019, SEGUNDA-FEIRA

## EM CASA

6h da manhã, eu me levanto para ir ao banheiro. Ainda sonolenta, retorno pra cama; ouvi a campainha, mas achei que fosse sonho. Sabe que, por um instante, pensei que fosse a polícia? Dava pra trancar tudo, mas não acreditei que realmente fosse.

Minha irmã Kellen se levanta e retorna ao quarto.

— Preta, é pra você.

— Pra mim? A essa hora? Quem é?

— Uma tal de Soraia.

Abri a porta depressa, e era mesmo a polícia.

Dei bom-dia. Mandei entrar. Estavam em três: dois homens e uma mulher. Tinha um otário com uma arma na mão, parecendo um palhaço de circo – me perdoem os palhaços, sei que a comparação é estúpida.

— Do que se trata? — questionei.

— Mandado de busca e apreensão.

— Pois bem, fiquem à vontade.

Me perguntaram se tinha armas e drogas em casa.

— Se tiver, foram vocês que trouxeram — respondi.

— Acorda todo mundo e manda saírem dos quartos.

O palhaço, aquele com arma na mão, estava interessado na divisão do apartamento, enquanto a mulher se fazia de durona me pedindo documentos.



Entreguei a ela meus exames ginecológicos. Eram os únicos documentos que eu tinha.

Fuçou tudo e levou até meus roteiros de cinema.

— Isso é um roteiro, não tem nada a ver com a ocupação.

— Tem a ver, sim, tem o endereço de lá.

— Você sabe ler cabeçalho?

Ela levou. Levou achando que se tratava de um documento importante. Eu não estava nem um pouco preocupada, não seria eu que pouparia o tempo dela. Por mim, ela podia ler meus exames. A peste, então, pegou até meu *laptop*. Tudo bem. Só estava tensa por minhas músicas, que eu tinha acabado de compor: se houvesse alguma alteração, eu ia ficar puta.

Após pegarem uma mala de mão com documentos – eram documentos antigos do processo em que minha mãe já havia sido inocentada –, eles me conduziram para depor na delegacia. E eu fui de boa, pois não havia nenhum mandado de prisão – e, todas as vezes que fui chamada a depor, fui, sem nenhum problema.

Eles me fizeram ir à casa do Sidney com o mesmo intuito, e, como nós já estávamos de saco cheio desse processo, fomos. Tal qual das outras vezes.

Quando entrei no carro, a primeira coisa que fiz foi mandar mensagem para um grupo de amigas; avisei rapidamente que estavam me levando, só disse que era para o Deic. E eles me olhavam a cada instante para saber o que estava fazendo.

A mulher, com medo, me perguntou:

— Qual é seu orixá, Janice?

— Eu sou de Ogum, e você?

Pensei: “Todo preto é da macumba, né? Tá com medo, por isso a pergunta”.

## **DEIC**

Chegando à delegacia, encontro Ednalva e a Chaveirinho, duas companheiras. Eles nos colocaram numa sala para aguardar, e creio que já passava das 10h da manhã quando vi chegarem Elizabeth, que na época era a assistente social da ocupação, minha irmã Lili e minha cunhada Adriana.

Cheguei sem nenhum advogado, mas logo notei uns trinta querendo saber o que havia acontecido conosco.

## **DUAS HORAS DEPOIS**

Vejo minhas amigas e meus amigos na porta da delegacia, que estava lotada de gente do movimento, da imprensa. Virou um furdunço. Andrea Lanzone e Marina Piotto, minhas amigas pessoais, foram as primeiras a chegar, bem cedo, ainda não havia ninguém em frente à delegacia. Dois policiais me acompanhavam enquanto eu fumava, então ficamos os quatro lá fora conversando e eu dizendo a elas que logo sairia.

Ouvi as pessoas gritando “Preta livre”. Me encontrei com Gadú, Ana Cañas e Chico César, bem rápido; pedi para ir ao banheiro, e a Marina – que amiga! – foi chamá-los para me ver. Eles estavam ali me apoiando, sabiam que eu era inocente, e nós sabíamos o que estávamos vivendo.

Todas as vezes que pedia para ir ao banheiro, um policial me acompanhava, e, quando o povo me via, começava a gritar meu nome. Às vezes eu nem tinha vontade de usar o banheiro, era só de sacanagem mesmo (risos). Já estava cansada de

*image  
not  
available*

25 DE JUNHO DE 2019, TERÇA-FEIRA

## 89° DP

Ainda jurando que sairia na sexta-feira, 28 de junho, muito confiante – não na justiça, lógico, muito menos na polícia –, conheci as meninas com mais calma, trocamos casos.

Ouvi uns gritos na porta da delegacia. Eram meus amigos, artistas, povo preto, LGBTQIA+, todo tipo de gente para me apoiar. Me deram bom-dia, boa-tarde e boa-noite. Acamparam em frente à delegacia, me mandaram cartas, flores, bombons. Nunca pensei que fosse tão querida. Fiquei muito emocionada.

Recebi visitas de advogados e outras pessoas: dr. Vitor Marques, dr. Vinicius Cascone, dra. Amanda Cayres, dra. Luciana Bedeschi, Suplicy, enfim, muita gente para ajudar. O povo não parava de chegar, de mandar comida. Nem tinha mais espaço. E eu sempre repartia com as manas que chegavam e iam para o outro lado, eu dividia tudo. Eram noites frias, então, como eu sempre ganhava cobertor, dividia com elas. Nada mais justo.

Certa noite, chegaram duas. Presas por tráfico. Nós ganhamos de amigos feijoada para o jantar, oferecemos, e elas, orgulhosas, recusaram. Disseram que não comiam qualquer coisa. Eu nem respondi, não iria me indispor nem, muito menos, brigar. Até aí, tudo bem.

Chegaram mais duas. Duas mulheres em que se notavam o desprezo e a vida sofrida. Ofereci a feijoada, e elas aceitaram. Dei também meias, cobertor e uma roupa pra se banharem. As

*image  
not  
available*

Ela andava com uma turma de adolescentes traficantes. Começou a usar drogas com uma amiga que lhe apresentou esse grupo. Um dia, essa amiga a chamou para encontrar a turma, e ela foi – nada fora do comum. Eles estavam andando no meio do mato quando uma pessoa da turma a puxou para outra direção e disse: “Você não precisa ver isso”.

Ela, sem entender, seguiu com essa pessoa. Então ouviu a amiga gritar: “Para, pelo amor de Deus!”. Não entendeu e foi embora.

No dia seguinte, soube da morte de sua amiga, foi à delegacia e entregou os “amigos”. Estes ficaram com raiva por ela entregar tudo à polícia e a envolveram no crime.

Thânia arrumou um advogado que supostamente a defenderia. Em sua casa, não havia figura paterna, só ela e a mãe. Esse advogado violentou Thânia e disse que, se ela o denunciasse, ele a prejudicaria ainda mais e ela passaria o resto da vida na cadeia, disse que era melhor ela fugir para São Paulo.

Esse caso aconteceu em 2015, quando ela tinha apenas dezessete anos de idade. Após todos esses fatos ocorridos, ela se mudou com a mãe para São Paulo, conheceu um jovem, os dois se apaixonaram, se casaram e tiveram um filho.

A ex-namorada desse jovem, porém, começou a pesquisar a vida de Thânia. A moça trabalhava em uma operadora de telefonia como atendente de telemarketing, conseguiu os dados e descobriu que Thânia estava sendo procurada e, então, a denunciou para seu ex-namorado, que, porém, já sabia da situação. O rapaz jurou amor eterno, falando que a

Um dos policiais me ofereceu água, aceitei. A geladeira lotada de cerveja, em cima da mesa também, várias latinhas. Parecia que eles tinham dado uma festa. Agora sei de onde veio o estado alterado.

Vi minhas coisas amontoadas em um canto. A que foi em minha casa fez questão de sair da sala pra me ver. Peguei meus roteiros e disse:

— Esse roteiro serviu como provas?

— Não, mas no seu *notebook* deve ter.

— Sim, lá eu deixei tudo o que me incriminaria. A propósito, onde está?

— Só liberamos daqui trinta dias.

— Como vocês são competentes.

Nos levaram para a cela, ou melhor, para o chiqueiro. Eu nunca vi em toda a vida um lugar tão sombrio e escuro, parecia *Jogos mortais*, uma mistura de necrotério, uma espécie de desova humana. Ninguém merecia passar por aquilo. O banheiro era um buraco no chão, a descarga era do lado de fora, nem dava para alcançar.

Aquele lugar não tinha condições humanas, era sub-humano, uma imundice, um mau cheiro inesquecível. O lugar que colocaram o Sidney, pior ainda.

Deixaram a gente dormindo no chão, sem nenhuma condição, passamos três dias no inferno, três dias sem água, pois não nos deram, disseram que a água era da torneira, três dias sem ver a luz do dia, três dias sem comer, três dias sem banho, três dias sem dormir.

O desgraçado do carcereiro levou um pão duro, pegou com aquelas mãos imundas e colocou em cima das grades. Quem

coisa que ela. Os outros dois se achavam. Caçoavam do gordinho o tempo todo. O gordinho ficava até distante deles de tanto constrangimento.

— Por que estamos aqui, se temos nível superior? — perguntei.

— Ordens do delegado.

Aquele homem cruel, mentiroso, nos fez passar três dias de horror e ainda nos mandou pra um lugar distante de nossos familiares, mesmo sabendo que temos nível superior. Sim, nossos advogados somaram os diplomas ao processo.

Até aquele momento, eu ainda estava um pouco desacreditada. Eu me lembro de ter chorado muito no carro, mas não de medo ou tristeza; eu queria de verdade punir todos os culpados, eu queria ver eles passarem por tudo o que passei, todos mentirosos e caluniadores.

Jurei a mim mesma que lutaria para provar minha inocência. Jurei que essas pessoas que nos fizeram essa maldade pagariam judicialmente e iriam para a cadeia, pois são as verdadeiras criminosas.

Havia dias em que eu me sentia muito triste, então escrevia poemas e músicas que não queria perder da memória; adicionei a este livro como forma de uma suave escapatória para tantas tristezas e descaso do governo. Ao longo da leitura vocês verão essas e outras lembranças de meus dias.

Não criem super-heróis, criem revolucionários com nível superior; o sistema não tem força contra a educação. Mais vale



Só se esqueceram de lhes informar que o mundo pertence aos audazes, aos curiosos e aos inconformados

A primazia é contemplar o azul-celeste, o brilho das estrelas, a luz da lua, e desfrutar a liberdade.

Que possamos ser livres. Nos temos.

Eu te amo.

Lua Leça. Fiz esse poema pensando em Lua, que sempre me inspirou a escrever.

## **CELA 22 – PENITENCIÁRIA FEMININA DE SANT'ANA**

Nasci na República racista e elitizada, onde posso ser alvo de catorze tiros (como Marielle Franco), oitenta tiros (como Evaldo Rosa) e ser presa por lutar por direitos constitucionais (como Preta, Sidney, Ednalva, Angélica).

O que temos em comum? A cor da nossa pele, a falta de oportunidade e a escravidão que nos acompanha desde a invasão portuguesa a essas terras. O racismo virou câncer no Brasil.

vida.

Não posso aceitar que os cachorrões comam à mesa e os filhos dividam com os cachorrinhos as migalhas que caem no chão.

Como o passado vem se repetindo ao longo dos tempos, quanta gente preta que luta por justiça social e igualdade vai presa ou morta... Vamos pesquisar para ver quem são esses heróis, nacionais e internacionais.

superior. Foi pedido de seus advogados, você não pode ficar mais aqui.

Eu não queria abandonar as outras, mas tive que pensar em mim, na minha família, nos amigos e na facilidade de notícias e visitas. Nessas horas não dá pra pensar em ajudar os outros primeiro.

No dia seguinte, vim de bonde. Coisa feia, nunca pensei em passar por isso, umas manas cabulosas. Já estavam acostumadas com aquela vida.

Faltou ar, faltou lugar pra me sentar. Fechei os olhos. Imaginei que estava em outro lugar, fui orando pai-nosso até chegar ao destino final: *Penitenciária Feminina de Sant'Ana*.

Éramos em trinta mulheres do sistema prisional. Dei graças a Deus por ter ido embora, porque eu sabia que aquela funcionária queria me foder e nunca fui de levar desaforo pra casa. Deus sabe o que faz.

Vim de bonde para Santana, e os funcionários logo viram que eu não era bandida. Uma comentou:

— Essa daí é a que foi presa por causa de política?

— Quem vai preso por causa de política? — indagou o outro.

— Ela é do PT.

Guardei meu ódio em silêncio, mas se vocês soubessem o que passava em minha mente naquele momento...

Santa foi o nome divino de que xinguei aquela mulher.

*image  
not  
available*

*image  
not  
available*

14 DE JULHO DE 2019, DOMINGO

## CARTA AO PAPA

Vossa Santidade, papa Francisco, não sei como esta carta chegará a vossas mãos, mas creio que Jesus achará um meio de lhe entregar.

Peço que converse com Jesus e lhe diga o que está acontecendo aqui no Brasil. Os homens brancos, gananciosos, estão destruindo a nação. Eles prendem inocentes, matam quem contesta a desigualdade, não se importam com as lágrimas nem com o sofrimento das pessoas que ficaram. Tudo isso em nome do dinheiro e do poder.

Diga a Jesus que esqueceram de seus mandamentos e usam seu Santo nome em vão, assim como dizem as Escrituras.

Aqui no Brasil, eles investem em presídios e tiram da educação, não investem nos pobres, tomam todos os seus direitos e nos fazem acreditar que é assim que tem que ser.

Eu fui presa por não aceitar essas imposições e as injustiças de um governo que age contra o pobre, trama para silenciar e amedrontar.

Posso ficar presa mil anos, mas jamais me conformarei com tanta impunidade. Não cometi nenhum crime. Essa luta contra a desigualdade vem através de Jesus, quando foi preso, humilhado, morto e silenciado para nos salvar. Em defesa dos oprimidos. O passado ainda vivo em nosso presente e nosso futuro.

Minha eterna gratidão por se lembrar de mim e dos meus companheiros presos também injustamente.

Sigo aqui, presa, na certeza de que dias melhores estão por vir e que, se estamos presos, é porque incomodamos quem tem medo da verdade.

Quando lia nos livros e ouvia os relatos da história do povo de luta, pensava: “Um dia terei que lutar para retribuir aos que antes lutaram por mim”.

Cresci como uma garota inconformada e com vontade de mudança, a terceira dos oito filhos de minha mãe. Nunca aceitei nenhum tipo de injustiça nem a miséria do nosso povo. E logo me vi liderando – não por força, mas por querer mais igualdade para todos.

No seu governo, tive a oportunidade de estudar e agarrei com força a chance, pois sabia que eles não se conformariam em ver sem-teto chegar ao nível superior.

Sempre soube das mentiras e das armadilhas dos “senhores feudais”. Eles não dormem até derrubar um inconformado; e doeu mais quando senti na pele, pois é insuportável pagar por um crime que não cometemos. Meu crime foi nascer mulher, preta e pobre em um país racista e machista, onde quem luta por seus direitos é alvejado ou preso injustamente por criminosos de colarinho branco.

Ainda acham que somos escravos e devemos aceitar suas migalhas, ainda acham que devemos nos curvar, nos silenciar diante de tanta injustiça e desigualdade social.

O que vai salvar essa nação é a união dos povos.

Enquanto não for consenso que um precisa do outro, continuarão usurpando nossos direitos, direitos constitucionais,